

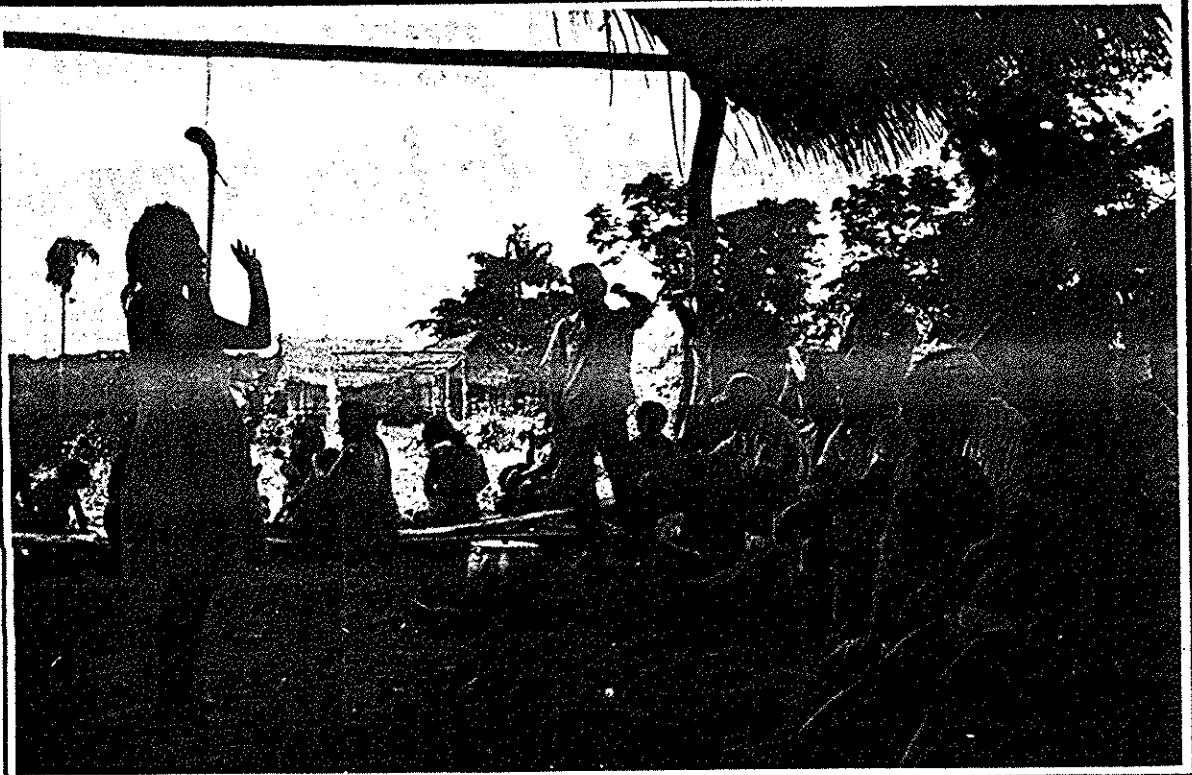
Desde 1983 que o CIMI vem incentivando a realização das Assembléias do Povo Kulina, como também as Assembléias de Chefes que anualmente se realizam em Rio Branco por ocasião da Semana do Índio.

Neste ano, de meados de abril até início de junho, o pessoal do CIMI e IECLB esteve viajando desde o médio Juruá, do Purus até o alto Envira para acompanhar mais de 100 Kulina que foram participar da IV Assembléia Kulina que se realizou de 16 a 20 de maio, na aldeia do Igarapé do Anjo, alto Envira, município de Peijó. Além dos chefes das aldeias, também viajaram várias famílias, inclusive crianças. Pois, as Assembléias, além de serem um momento de discussão são também oportunidades de os parentes se encontrarem. A alegria acaba se tornando uma festa. A animação é de encher os olhos e o coração. A aldeia simplesmente não para nestes dias. Enquanto durante o dia se discute, se conversa muito, à noite o povo se reúne no terreiro para cantar e dançar até o dia clarear.

Estas assembléias, muito descontraídas, vão solidificando uma aliança imprescindível entre as diversas comunidades Kulina. Por isto elas não só devem continuar. Elas já chegam a animar outras comunidades de outros povos a fazerem o mesmo.

Já foi marcada a próxima. Será em maio de 1988, e deverá se realizar na aldeia do Cacau, próximo à cidade de Pacatuba, sul do Amazonas.

Os Kulina só lamentaram uma ausência: a UNI regional foi convidada e não compareceu. Os Kulina, contudo, avisam desde já aos companheiros da UNI para que reservem um espaço em sua agenda para não faltarem na próxima Assembléia.



Sidi conta aos irmãos os problemas dos índios na Assembléia Kulina

UMA GRANDE LIÇÃO DOS NOSSOS INDIOS

CAZUZA: "ESTA TERRA É NOSSA, VAMOS AMÁ-LA"

"Com o que é que a gente poderia comparar a nossa reunião?", perguntou um chefe.

- Com a pama...

Mas a pama é uma frutinha muito pequena.

- Com a cagaça, disse outro.

É, a cagaça é uma fruta grande, carnuda e dá pra fazer um mingau gostoso pra muita gente".

Foi assim que os Kulina compararam a sua Assembléia que, neste ano, se realizou no Igarapé do Anjo, alto Envira.

Falar por imagens, por comparação é característica dos chefes Kulina. Assim o povo entende e grava o que ele lhe quer transmitir.

Perto de 200 Kulina participaram da sua 4ª Assembléia. As anteriores se realizaram em San Bernardo (Peru), Santo Amaro e Igarapé Preto. Este ano vieram até a aldeia do chefe Cazuzza os Kulina do Purus e do médio Juruá, das aldeias de Maronáua, Sobral, Santo Amaro, Santa Júlia, Igarapé Preto, Piauí, Medonho, Cacau, Iari, além de várias famílias do próprio rio Envira, que foram se juntando aos visitantes de longe, como o pessoal do Igarapé Pedro, do seringal. Califórnia, da aldeia do PI, do pessoal do Valdemar. Quando o batelão chegou ao Igarapé do Anjo, já havia pelo menos umas 120 pessoas. A aldeia simplesmente triplicou nos dias da reunião.

A recepção foi uma beleza. Muito foguete e muito tiro de festim para comemorar a chegada dos parentes. Cazuzza, o chefe anfitrião, fez tudo para que todos se acomodassem e se sentissem bem.

Enquanto as reuniões se deram na parte da manhã, as tardes serviram para pesca,

caça, ida aos roçados, descanso. As noites foram animadíssimas, com canto e dança (o tradicional "Ajije", mariri) até o dia clarear.

As reuniões começavam após a primeira refeição. Rijo, professor da aldeia do Cacau, foi quem anotou a ordem de palavra. Cada chefe falava segundo a ordem prevista. A reunião só acabava quando todos tivessem usado sua oportunidade de falar. Das discussões que duraram 3 dias, alguns assuntos merecem destaque.

1) TERRA

A demarcação, a garantia, a defesa da terra continua sendo para todos os Kulina a reivindicação mais forte, mais urgente, mais generalizada. Todos foram unânimes em defender a necessidade de demarcar já as suas áreas. As pressões por parte de invasores, seringalistas (em março, um Kulina foi assassinado por um empregado da família Conrado que se pretende proprietária das terras dos Kulina do rio Eiru), políticos, como o prefeito de Pacatuba que quer transferir os Kulina para longe da cidade, são cada vez mais fortes. Os projetos de construção de estradas estão aí com suas terríveis consequências para a vida das comunidades indígenas. Apesar disso, as comunidades estão muito conscientes dos seus direitos inmemoriais às terras que habitam, onde viveram seus pais, seus avós, os antigos (Icca dsama ididenicca dsama, como dizem os Kulina em sua língua). Ao mesmo tempo, elas revelam que estão prontas a lutar para defender este chão, caso haja gente interessada em investir contra o seu direito. "Esta terra é nossa. Meu pai já morava aqui. Só

nós vamos morar aqui", dizia Cazuzza num de seus discursos. E arrematava, para não deixar dúvidas: "Eu ainda não demarquei a nossa terra. Se a FUNAI não vier demarcar, no outro verão nós mesmos vamos demarcar".

2) PROBLEMAS INTERNOS

Um bom tempo foi reservado para discutir as questões internas das comunidades Kulina, tanto para resolver velhas rixas, intrigas, focos, como a constante mobilidade de algumas famílias dentro da área do alto Envira ou que andam de um para outro rio. Algumas dessas famílias, se comprometeram a se fixar num local dentro da área, e aí colocar roçado e construir casa nova.

3) ELEIÇÕES 86

Foi o assunto do 3º dia. Para a maioria dos Kulina, esta é uma questão nova. Falaram mais, por experiência, os Kulina do Cacau, que já ajudaram a eleger um vereador branco no município de Pacatuba (AM), o Adauto, antigo professor da comunidade pago pela Prefeitura e que aprendeu a falar a língua Kulina pela convivência com estes. Os Kulina do Cacau não pouparam críticas aos políticos, que em época de eleição fazem mil promessas e depois simplesmente esquecem dos eleitores. Ao se comentar que em 86, pela primeira vez na história do Acre, haverá um candidato indígena, o companheiro Biraci Brasil, da tribo Iauanauá, do rio Gregório, os Kulina se manifestaram solidários com esta candidatura. Repisaram, porém, que um candidato indígena não pode ser como os outros candidatos. Tem que conhecer a vida das comunidades, defender os direitos das comunidades indígenas e,

quando eleito, nunca perder a ligação com estas mesmas comunidades.

No Purus e no Envira, por exemplo, os Kulina gostariam de receber uma visita do Biraci. Como dizia um dos Chefes, "para que toda a minha gente possa escutar a palavra dele e aprender também como eu". Ele se referia à questão da Constituinte, para a qual pretendemos eleger o companheiro Biraci que terá a responsabilidade de ajudar a formular uma Lei Maior que não vá contra os direitos já assegurados às comunidades. Antigamente, como eles disseram, só votavam em troca de presentinhos dos políticos. Mas nunca um político se comprometeu a defender, por exemplo, o direito à terra. Com as candidaturas indígenas, isto vai mudar. Os Kulina do Sul do Amazonas foram informados da candidatura do Alvaro Tucano, um dos coordenadores da UNI e estão dispostos a votar nele. Esta será a primeira vez que os Kulina vão participar de uma eleição dando um voto consciente e discutido nas comunidades. Por isto, o voto Kulina em 86 será um voto qualitativamente muito mais forte.

4) MADEIRA

Como no alto Envira não há seringa, os Kampa e Kulina produzem feijão, farinha e outros produtos para comprar as mercadorias de fora que já fazem parte do seu rol de necessidades. Mas como os produtos agrícolas não tem bom preço, isto cria enormes dificuldades para aquelas comunidades.

Sob pressão das empresas madeireiras, elas se viram, então, forçadas a vender madeira de suas áreas. Tanto os Kampa como os Kulina

vem derrubando e vendendo madeiras de lei (especialmente cedro e aguano) há vários anos, inclusive com a conivência de funcionários da FUNAI, que têm servido de intermediários. Mas também neste caso a remuneração é pequena, dado o preço aviltante pago às comunidades indígenas. Neste ano, os madeireiros estão pagando Cz\$ 100,00 (cem cruzados) a tóra, que será depois vendida em Manaus e Belém por Cz\$ 5 ou até 10 000 (dez mil cruzados), madeira que vai direto para exportação (Japão, Europa, EUA).

Vimos uma empresa subindo o rio Envira com diversos tratores, patrulas, imensos tanques de combustível, um verdadeiro arsenal para retirar toda a madeira disponível de 3 seringais do médio Envira, começando pelo Seringal Nazaré. Ouvimos que empresa pretende retirar nada menos que 200 mil toras. Trata-se de uma autêntica depredação planejada de uma riqueza não renovável a curto prazo e que está acontecendo hoje diante dos olhos coniventes das autoridades federais (IBDF) e do governo estadual. Quem está ganhando nessa história? Os índios e a população ribeirinha certamente não.

A questão da madeira coloca em pauta um problema muito sério. Como solucionar os problemas econômicos das comunidades do alto Envira? A FUNAI está pretendendo realizar em todas as comunidades indígenas do Acre um projeto de desenvolvimento comunitário em novos moldes. As comunidades indígenas do alto Envira colocam um desafio que servirá de teste para este plano. Resta enfrentá-lo.

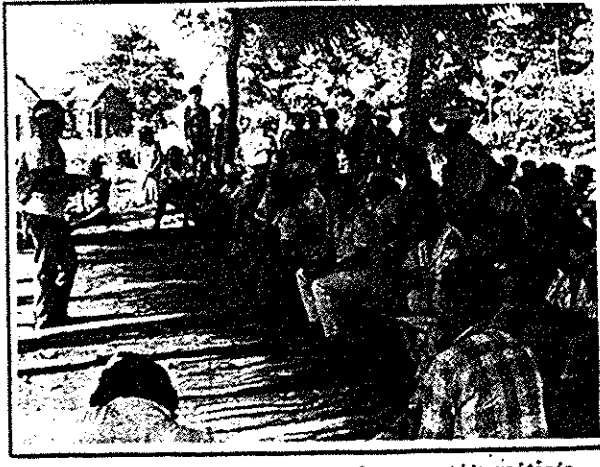
Roberto. E. Zwetsch



Grande líder Cazuzza (C) defende o direito à terra



A leitura da mensagem Kulina à assembléia indígena



O encontro dos índios acreanos revelou o sentido unitário dos grupos